

## O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO ESPAÇO DE ESCUTA E APRENDIZADO COM A CRIANÇA

Seisa Roséli Kessler Vaz <sup>1</sup>  
Vera Márcia Marques Santos <sup>2</sup>  
Tamires Garcia da Rosa Fernandes <sup>3</sup>

### Resumo

Esse relato resulta da experiência vivida por uma acadêmica, estagiária de graduação no Curso de Licenciatura em Pedagogia, no contexto do estágio supervisionado na educação infantil, numa turma de creche com 15 crianças do grupo IV, onde duas apresentam **Transtorno do Espectro Autista** (TEA). Essas crianças mesmo sem oralidade mostraram com suas atitudes que a inclusão acontece, quando se abre espaço para a pluralidade/diversidade humana, e que preconceitos não deveriam ter espaço em nenhum grupo e, bem menos no coletivo infantil. O estágio supervisionado na educação infantil, proporciona oportunidade de interagir com os pequenos, proporcionando as crianças, o protagonismo durante o processo ensino-aprendizagem, onde surgem inúmeras situações em que estas crianças muito nos ensinam diante das suas especificidades. Conforme aponta Madalena Freire (1996), a observação permitiu o deslocamento do papel de 'detentora do saber' para o de 'aprendiz', validando as atitudes das crianças em relação aos colegas com TEA como formas legítimas de comunicação e socialização. A troca de saberes que acontecem em meio as brincadeiras, hora do lanche, da troca da fralda, e até mesmo do soninho, mostram que a socialização da criança acontece no convívio com o outro, e mesmo com suas especificidades, há espaço para todos, quando há respeito, considerando que todos fazem parte do mesmo grupo. No contexto da inclusão de crianças sem oralidade, a observação torna-se o principal instrumento metodológico. De acordo com a perspectiva histórico-cultural de Vygotsky, o desenvolvimento humano é mediado pelo outro. Assim, os momentos de rotina (alimentação, higiene e sono) deixam de ser meramente biológicos para se tornarem educativos e socializadores. A professora não é aquela pessoa que deposita conhecimento, mas que promove a mediação que cria "Zonas de Desenvolvimento Próximo", permitindo que a criança com TEA se integre ao coletivo a partir de suas potencialidades, e não de suas faltas.

**Palavras chaves:** Educação Infantil, Estágio Supervisionado, Ensino-aprendizagem, Inclusão escolar

### INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, [seisavaz@gmail.com](mailto:seisavaz@gmail.com);

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Professora Associada do Depto de Pedagogia a Distância – CEAD/UDESC, Docente no Mestrado Profissional PROFEI/UDESC, [veramarquessantos@gmail.com](mailto:veramarquessantos@gmail.com);

<sup>3</sup> Professora supervisora no PIBID/UDESC: Especialista pela FUCAP - SC, [tatagrs27@gmail.com](mailto:tatagrs27@gmail.com).



O estágio curricular supervisionado constitui um dos eixos centrais da formação inicial de professores, configurando-se como o momento em que o estudante tem a oportunidade de articular teoria e prática de forma concreta e reflexiva. Mais do que uma exigência legal, o estágio representa um espaço formativo essencial, no qual o futuro educador pode vivenciar a realidade escolar, compreendendo as dimensões pedagógicas e sociais do trabalho docente, que constitui sua identidade profissional. É nesse contexto que se estabelece a relação dialética entre os conhecimentos adquiridos na universidade e as experiências, a empiria vivida no campo escolar, contribuindo para a formação de um educador crítico e comprometido com a transformação social.

De acordo com Pimenta e Lima (2012), o estágio não deve ser visto como uma simples aplicação prática de teorias aprendidas, mas como um processo investigativo e reflexivo, no qual o futuro professor analisa e interpreta o contexto educacional à luz de fundamentos teóricos, filosóficos e metodológicos. Para as autoras, o estágio é um “espaço de articulação entre o pensar e o fazer pedagógico”, possibilitando compreender a escola como um ambiente de formação humana, cultural e social.

Já Madalena Freire (1996) observa que é um ato de despojamento, o professor precisa silenciar seus próprios preconceitos para conseguir enxergar quem é o estudante, como ele pensa e quais são seus desejos. Para ela, a observação só se concretiza por meio de escrita, ao se registrar o que observou, o professor distancia-se da ação, reflete sobre ela e transforma o cotidiano em objeto de estudo. Por isso a observação é uma ferramenta muito importante, a ser usada no contexto escolar.

Paulo Freire (1996) ressalta que ensinar exige respeito à autonomia do educando e consciência do papel político e ético do ato educativo. O estágio, nessa perspectiva, é o momento em que o futuro docente vivencia concretamente o caráter dialógico, problematizador e emancipador da educação, compreendendo que o processo de ensinar e aprender é construído na interação e no diálogo com os sujeitos e com o contexto histórico e social em que estão inseridos.

A Educação Infantil constitui uma etapa fundamental para o desenvolvimento integral da criança, sendo o brincar um elemento central nesse processo. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é necessário garantir experiências que promovam a convivência, a interação e o respeito às diferenças.



Nesse contexto, o presente relato tem como objetivo descrever e refletir sobre uma prática pedagógica desenvolvida durante o estágio supervisionado na Educação Infantil e o PIBID, destacando a utilização de atividades lúdicas e seus impactos nas interações sociais das crianças, especialmente no que se refere à inclusão e a troca de saberes.

Na Educação Infantil, a troca de saberes ocorre quando o professor reconhece que a criança é um sujeito ativo, curioso e capaz de produzir conhecimento. O educador, ao propor atividades, escutar as crianças e observar suas ações, também aprende sobre suas culturas, linguagens e modos de pensar o mundo, afinal cada uma delas traz consigo uma bagagem de vida, de família, de história, que é uma trajetória a ser considerada. Mesmo sendo pequenas, suas atitudes podem comunicar muito, sobre quem elas são e como elas veem o mundo.

Dessa forma consegue-se observar na prática do ambiente educacional, a teoria Freireana, de que, quem aprende também ensina ao aprender.

"Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. [...] Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os marcam, não se reduzem à condição de objeto um do outro." (Freire, 1996, p. 23).

A metodologia adotada foi de análise reflexiva, que envolveu a observação e a escuta ativa durante uma sequência didática lúdica com foco na contação de histórias, dança, movimento, música e brincadeiras. As atividades foram fundamentadas, principalmente, no campo de experiência "Escuta, fala, pensamento e imaginação", proposto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que valoriza a escuta sensível, o desenvolvimento da linguagem oral e a imaginação das crianças.

O resultado desta sequência de atividades demonstrou na prática como as crianças conseguem incluir e cuidar do outro que é diferente, com atitudes simples e gestos de carinho e cooperação, porque quem é diferente também faz parte do grupo. Dessa maneira elas ensinam os adultos que a aceitação de forma suave e sem preconceitos, enxergando cada uma como é, sem estereótipos, pode ser sim a realidade de um grupo, quando se abre espaço para a participação de todos.

Pode-se concluir então, que diante dessas perspectivas, compreende-se que a prática pedagógica na Educação Infantil deve se apoiar na interação social, na escuta sensível e na valorização das experiências da criança, consolidando o espaço escolar como um ambiente de construção coletiva do conhecimento. Para Vygotsky o desenvolvimento infantil ocorre principalmente por meio das interações sociais, sendo o ambiente cultural e as relações com



outras pessoas elementos centrais na construção do conhecimento. O desenvolvimento cognitivo na infância não é um processo isolado, mas profundamente mediado pela cultura e pelas práticas sociais, por isso a importância de contextos educativos ricos em interação, diálogo e cooperação. A troca de saberes (FREIRE, 1996), se revela essencial para promover aprendizagens significativas, contribuindo para o desenvolvimento integral da criança e para a construção de práticas educativas mais humanas, reflexivas e transformadoras.

## METODOLOGIA

A metodologia adotada neste relato de experiência fundamenta-se em uma abordagem qualitativa de caráter reflexivo, centrada na observação participante e na escuta ativa das crianças durante o desenvolvimento das atividades pedagógicas por meio de uma sequência didática lúdica.

A prática foi realizada no contexto do Estágio Supervisionado II, na educação infantil, numa turma de creche com 15 crianças do grupo IV, onde duas apresentam **Transtorno do Espectro Autista** (TEA), no CEI Divina Providência, no município de Tubarão- SC, As atividades foram realizadas sob supervisão docente, com autorização do CEI e em conformidade com os princípios e diretrizes do estágio curricular, permitindo ao estagiário acompanhar, registrar e analisar as interações e manifestações das crianças no contexto escolar. As atividades contemplaram experiências com movimento, exploração sensorial, música e dramatização, integrando o cuidar, educar e brincar. As áreas do conhecimento abordadas foram: linguagem oral, movimento, identidade e autonomia (BNCC).

A observação foi sistematizada por meio de registros escritos, possibilitando o distanciamento crítico da prática e a reflexão sobre as ações desenvolvidas. Além disso, a análise foi embasada em referenciais teóricos que orientam a compreensão da criança como sujeito ativo no processo de aprendizagem, articulando teoria e prática na construção de uma atuação docente consciente, investigativa e comprometida com o desenvolvimento integral e inclusivo dos educandos.

A análise desta sequência de atividades demonstrou na prática como as crianças conseguem incluir e cuidar do outro, com atitudes simples e gestos de carinho, cooperação e inclusão.



Pode-se concluir então, que diante dessas perspectivas, compreende-se que a prática pedagógica na Educação Infantil deve se apoiar na interação social, na escuta sensível e na valorização das experiências da criança, consolidando o espaço escolar como um ambiente de construção coletiva do conhecimento que inclui a história particular de cada uma.

A troca de saberes se revela essencial para promover aprendizagens significativas, contribuindo para o desenvolvimento integral da criança e para a construção de práticas educativas mais humanas, reflexivas e transformadoras.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O presente relato de experiência se fundamenta em teorias que reconhecem a importância do estágio como espaço de aprendizagem e prática pedagógica, a mediação docente e a troca de saberes, a interação social da criança e o ambiente cultural.

O estágio curricular supervisionado é essencial na formação docente por se constituir como um momento de reflexão e investigação da prática educativa, indo além da simples aplicação de teorias. Segundo Pimenta e Lima (2012), ele possibilita a articulação entre o pensar e o fazer pedagógico, permitindo ao futuro professor compreender a escola em suas dimensões humanas, culturais e sociais. Nesse processo, a observação, conforme destaca Madalena Freire (1996), torna-se uma ferramenta fundamental, pois exige do educador sensibilidade e suspensão de julgamentos para conhecer verdadeiramente os alunos. Ao registrar suas observações, o estagiário reflete sobre sua prática, transformando o cotidiano escolar em fonte de aprendizagem e construção de saberes.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por diferenças na comunicação social, no comportamento e na forma como a pessoa percebe e interage com o mundo (OMS, 2019). Cada indivíduo com TEA apresenta características únicas, o que torna essencial uma abordagem educacional individualizada. Nesse contexto, a inclusão escolar é fundamental, pois garante o direito à educação de qualidade, promove o desenvolvimento acadêmico e social e contribui para a construção de uma sociedade mais empática e diversa. Ambientes inclusivos favorecem não apenas os alunos com TEA, mas também toda a comunidade escolar, ao estimular o respeito às diferenças, a cooperação e a convivência com a diversidade desde a infância.(MEC, 2008)



A troca de saberes entre professor e aluno na Educação Infantil configura-se como um processo dinâmico que transcende a mera transmissão de conteúdo. Trata-se de uma relação dialógica, pautada na perspectiva de Paulo Freire (1996), na qual o ensinar e o aprender são faces de uma mesma moeda: o educador, ao ensinar, também se permite aprender com a bagagem cultural e as vivências da criança. Essa horizontalidade reconhece o aluno como sujeito crítico, rompendo com a "educação bancária" e promovendo uma construção de significados mútua. "Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. [...] Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os marcam, não se reduzem à condição de objeto um do outro." (Freire, 1996, p. 23).

Essa ideia é reforçada por Donald Schön (2007), ao conceber o professor como um profissional reflexivo, que aprende por meio da análise e problematização das próprias ações. Durante o estágio, o licenciando exercita a reflexão-na-ação e sobre a ação, reelaborando suas práticas pedagógicas, construindo novos conhecimentos a partir das experiências vividas. Essa prática reflexiva contribui para que o futuro professor desenvolva uma postura investigativa e crítica diante dos desafios do cotidiano escolar.

A perspectiva evidencia que o processo formativo do professor não se encerra na aquisição de técnicas ou conteúdos prontos, mas se consolida na capacidade contínua de refletir criticamente sobre sua prática. Ao vivenciar situações reais no contexto escolar, o licenciando é desafiado a lidar com imprevistos, tomar decisões e adaptar estratégias, mobilizando saberes teóricos e práticos de forma integrada. Esse movimento de reflexão constante favorece a construção de uma identidade docente mais autônoma e consciente, na qual o erro deixa de ser visto como falha e passa a ser compreendido como parte essencial do aprendizado profissional. Dessa forma, o estágio se configura como um espaço privilegiado de formação, no qual teoria e prática dialogam e se ressignificam mutuamente, preparando o futuro educador para uma atuação mais sensível, crítica e transformadora.

Sob a ótica de Vygotsky (2007), esse processo é sustentado pela mediação sociocultural. Na Educação Infantil, a troca de saberes ocorre efetivamente quando o professor identifica a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), o espaço entre o que a criança já faz sozinha e o que consegue realizar com a colaboração do adulto ou de outros mais experientes. Assim, o educador não é um mero espectador, mas um mediador intencional que impulsiona o desenvolvimento cognitivo por meio da interação social.



"[...] o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam." (Vygotsky, 2007, p. 100)

A partir dessa perspectiva de Lev Vygotsky, compreende-se que o desenvolvimento cognitivo da criança está profundamente enraizado nas interações sociais que ela estabelece desde os primeiros anos de vida. Para o autor, o aprendizado não ocorre de forma isolada ou exclusivamente interna, mas é mediado pela relação com o outro, especialmente por meio da linguagem e das práticas culturais compartilhadas. Assim, o ambiente social e cultural não apenas influencia, mas constitui o próprio desenvolvimento intelectual, tornando a escola e as interações pedagógicas espaços fundamentais para a construção de sentidos, significados, formas de pensar mais elaboradas e uma sociedade melhor e inclusiva.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta experiência proporcionou reflexões importantes a estagiária acerca da prática pedagógica e da inclusão na Educação Infantil. Durante as atividades, foi possível observar atitudes inclusivas por parte das crianças em relação aos colegas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), como o incentivo à participação, o auxílio nas tarefas e a interação por meio de gestos e brincadeiras, as demonstrações simples de carinho (como guardar o lugar do colega ou pegar sua garrafinha de água), muitas vezes sem o incentivo externo, mas como parte do seu cotidiano.

Essas ações evidenciam que, quando o ambiente é acolhedor e as atividades são planejadas de forma acessível, a inclusão ocorre naturalmente, as crianças são receptivas e empáticas. Tal perspectiva está em consonância com as orientações da BNCC, que enfatiza a importância do respeito à diversidade e da promoção da empatia.

Além disso, a experiência pode ser compreendida a partir das contribuições de Lev Vygotsky (2007), que destaca a relevância das interações sociais no processo de aprendizagem.

A convivência entre as crianças favoreceu a construção de vínculos e aprendizagens compartilhadas. Esses vínculos favorecem a criação de sentimentos mútuos de carinho, afeto, e amizade que são marcas importantes na trajetória da vida, são aprendizagens que vão além das simples palavras,



A prática também dialoga com a concepção de professor reflexivo proposta por Donald Schön (2007) e Pimenta (2012), uma vez que exigiu uma constante observação, análise e adaptação das estratégias pedagógicas, considerando as necessidades do grupo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise dos resultados foi elaborada a partir da observação participante, principalmente quanto a reação e atitudes das crianças, e dos registros realizados durante as atividades.

A experiência vivenciada evidenciou a importância da troca de saberes entre professor e alunos como elemento fundamental no processo educativo, a importância das atividades lúdicas como estratégia pedagógica contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças, especialmente na Educação Infantil. Nesse contexto, o conhecimento não se constrói de forma unilateral, mas por meio das interações, das vivências e das relações estabelecidas no cotidiano escolar, conforme apontam as contribuições de Lev Vygotsky (2007), ao destacar o papel das interações sociais na aprendizagem.

Ao longo das atividades desenvolvidas, foi possível perceber que, ao mesmo tempo em que a estagiária mediava as propostas pedagógicas, também aprendia com as crianças, suas formas de expressão, sensibilidade e espontaneidade. As atitudes de acolhimento, empatia e cuidado demonstradas pelas crianças, especialmente em relação aos colegas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), marcaram profundamente sua trajetória formativa, reforçando a compreensão de que a inclusão se constrói nas pequenas ações do dia a dia. Essa vivência contribuiu significativamente para a constituição de uma prática docente mais sensível, reflexiva e comprometida com o respeito às diferenças, em consonância com a perspectiva do professor reflexivo defendida por Donald Schön (2007).

Destaca-se, sobretudo, a relevância de práticas inclusivas que valorizem as interações e o respeito às diferenças desde a infância. As atitudes observadas demonstram que a inclusão pode ser construída no cotidiano escolar por meio de experiências significativas. Nesse contexto, torna-se fundamental que o educador desenvolva estratégias pedagógicas que promovam a participação ativa de todas as crianças, reconhecendo suas singularidades e potencialidades como elementos enriquecedores do processo educativo. Práticas inclusivas não se limitam à adaptação de atividades, mas envolvem a criação de um ambiente acolhedor, no qual o respeito, a empatia e a cooperação sejam constantemente incentivadas. Ao valorizar as interações e propor experiências mediadas de forma intencional, o professor contribui para a construção de uma cultura escolar mais justa e equitativa, favorecendo o desenvolvimento



integral dos alunos e fortalecendo o sentimento de pertencimento desde os primeiros anos de escolarização.

Por fim, reforça-se o papel do professor como mediador e profissional reflexivo, essencial na construção de uma educação mais inclusiva e humanizada.

Nesse sentido, o professor, ao assumir uma postura mediadora e reflexiva, passa a compreender sua prática como um processo contínuo de análise, adaptação e aprimoramento. Essa atuação implica planejar intencionalmente estratégias que favoreçam a participação de todos, promovendo interações significativas e respeitando os diferentes ritmos de aprendizagem. Além disso, ao refletir criticamente sobre sua prática, o educador identifica desafios e possibilidades do contexto escolar, ressignificando suas intervenções e contribuindo para a construção de um ambiente mais inclusivo, e comprometido com o desenvolvimento integral de cada criança.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me oportunizar tanto aprendizado, aos professores da UDESC, por me desafiarem a ser uma profissional crítica e reflexiva, e entender que na sala de aula precisamos ter flexibilidade, escuta ativa e muita observação.

Também a minha supervisora do PIBID, Prof. Tamires Garcia da Rosa Fernandes, por seu apoio, e por ser um exemplo de profissional dedicada que assim como as crianças, me ensina muito com suas atitudes em sala de aula.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: [/basenacionalcomum.mec.gov.br/](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/)>. Acesso em: 10 de outubro de 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC, 2008.

FREIRE, Madalena. *Educador: educa a dor*. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 36ª. ed. São Paulo: PAZ E TERRA, 1996.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Classificação Internacional de Doenças (CID-11)*. Genebra: OMS, 2019.

PIMENTA, Selma Garrido. *O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SCHÖN, Donald A. *Educando o profissional reflexivo [recurso eletrônico] : um novo design para o ensino e a aprendizagem* / Donald A. Schön ; tradução Roberto Cataldo Costa – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2007

VYGOTSKY, Lev Semionovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

